

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



O LADRÃO

Representado em 1947 (dir. Fernando Amado, Teatro do Ginásio).

O LADRÃO

Debúcho teatral

PERSONAGENS

O HOMEM SEM CHAPÉU

O CURIOSO



Esquina de rua, à noite. Reverberação dum candeeiro. Um homem sem chapéu entra apressado, quase a correr. Leva sobraçado um objecto largo e comprido mas pouco espesso — cartão, prancha — envolto em papel de jornal. Detém-se ao dobrar a esquina. Espreita uma, duas vezes. Entretanto surge do lado oposto o encaracterístico lisboeta que tem por costume sair depois do jantar e apanha invariavelmente o último eléctrico. Abranda a marcha, observando com surpresa a mímica nocturna. O homem sem chapéu repara que não está só.

O HOMEM SEM CHAPÉU — O senhor cuida que eu roubei.

O CURIOSO — Está enganado.

O HOMEM SEM CHAPÉU — Por que nega? A suspeição que leio nos seus olhos é verosímil, demasiado humana.

O CURIOSO — Repito-lhe que está enganado.

O HOMEM SEM CHAPÉU — O senhor, altas horas da noite, encontra um homem que, pelo traje, não lhe inspira confiança. Mostra perturbação anormal. Suspende o gesto; espreita no ângulo da rua. Ora é sabido que, na nossa idade, a cabra-cega é jogo impróprio à luz das estrelas. Aperta contra o peito — por-

que eu estou a apertar contra o peito — qualquer coisa escondida numa folha de jornal.

O CURIOSO — As suas palavras poderiam efectivamente induzir-me a supor...

O HOMEM SEM CHAPÉU — Não são as minhas palavras que o induzem a supor. É o meu aspecto: as calças e o jaquetão coçados, a gola bamba da camisa. (*Leva a mão à face.*) A palidez há-de ter sido agravada pelas olheiras fundas que geralmente o esforço me causa. Denuncia-me o espanto, o medo à beira do mistério; a vontade que tenho de fugir. Tudo em mim clama o roubo.

O CURIOSO — O senhor empurra o meu pensamento para uma conclusão precipitada.

O HOMEM SEM CHAPÉU — Acha que sim ou que não roubei? Não responde. Nem sequer a boa educação o obriga a protestar. Falam eloquentemente os seus olhos entontecidos, como se debaixo do meu braço este jornal encobrisse um foco magnético.

O CURIOSO (*quase gritando*) — Que leva o senhor aí?

O HOMEM SEM CHAPÉU — Uma obra de arte. Já notou que o embrulho tem a forma de um quadro?... É um quadro — um desenho que há instantes ocupava lugar num salão nobre, entre *bibelots* e baixelas. Fora pregado à parede com uma rica moldura em volta. Mas não era bela a moldura. Dourada, mas não bela. Naquele aparatoso enquadramento o pobre desenho definhava, asfixiava... Contudo, a ocasião, sem que eu desse por isso, ia amadurecendo como o silêncio e o espraiair da noite. A ocasião que, em fim de contas, há anos eu esperava. Caíram os passos na distância, morreram as vozes. Achei-me sozinho de repente. O resto sonhei... Parti o vidro, desfiz a moldura. Larguei escada abaixo, com a impressão de quem escorrega por uma nuvem cinzenta. Na rua cosi-me com o vão das portas. A testa gotejava. O sangue batia-me as artérias como cabresto furioso. Dobrei a esquina. Debrucei-me uma, duas vezes, perscrutando o espaço incerto. Nada. Respirei. Nesse momento preciso o senhor surgia a meu lado como a materialização do pesadelo.

O CURIOSO — Mas então, mas então...

O HOMEM SEM CHAPÉU — Para quê fugir? Sempre me haviam de alcançar as suspeitas e as vozes. Os silêncios não duram mais que instantes. Pode alguém fugir do mundo?

O CURIOSO — Mas nesse caso você é...

O HOMEM SEM CHAPÉU — Acabe. Descarregue a convicção que o abrasa. Para o senhor há evidentemente um facto positivo: eu arranquei o quadro do sítio da parede. Logo, roubei. Sou um ladrão. O senhor já me julgou e condenou. E agora busca auxílio na rua deserta.

O CURIOSO (*monologando*) — Foi ele quem me forneceu as provas...

O HOMEM SEM CHAPÉU (*monologando*) — A vida é estranha. Eu ainda não sei bem o que fiz e ele já me julgou e condenou.

Passam dois jovens de braço dado.

O HOMEM SEM CHAPÉU — O senhor deixou ir as testemunhas.

O CURIOSO — Deixei. Estou cogitando.

O HOMEM SEM CHAPÉU — Como um juiz maganão.

O CURIOSO — Que diz?

O HOMEM SEM CHAPÉU — O senhor quer ter o direito de ouvir a história. Vou contar-lha. Uma história de amores. Complexa, cheia de claro-escuro, intrigas, êxtases, apertos de garganta. (*Desembrulha o quadro.*) Aqui tem a obra-prima... Gosta de pintura? Venha perto do candeeiro. A luz é melhor... Que sossego! Que claridade! Os olhos abrem-se para dentro. Animam-se coisas esquecidas. Esta figura frágil é a duma companhia — ou antes, a duma companhia — que o curso dos acontecimentos não altera. Desde a meninice que ela me conduz pela mão, como pessoa grande, nas paisagens do silêncio. Acostumei-me a imaginar-nos aos dois, membros da mesma família. E se não se tivesse extraviado o testamento, o pacto de aliança ficaria de pé: nunca nos teríamos separado... Mas a tragédia sobreveio num sopro. Abalou a doce velhinha, deixando a herança em sorrisos e segredos. As partilhas foram cruéis, o

leilão sinistro... «Adjudicado!», grunhiu a voz do pregoeiro. E a minha companheira fiel desapareceu, raptada pelo vencedor... Tornei mais tarde a frequentá-la num salão hostil, entre ouro-péis, como refém. Lembrava-me o Infante Santo, à guarda dos incréus. Naquele trono de luxo, aonde me levava irresistivelmente a memória dos tempos felizes, a minha alma ia morrendo, largando farrapos... Então, esta noite, não sei como nem porquê, fiquei só. Dois braços conhecidos se estenderam. Um sorriso me chamou, ingénio e mártir...

Súbito um ruído cresce em tumulto.

UMA VOZ (gritando) — Agarra que é ladrão!

A voz ecoa. Bruaá. O ruído esmorece.

O CURIOSO — É tarde. Levantou-se uma aragem fria. (*Sobe a gola do casaco, hesita um momento e sai.*)

O Homem sem Chapéu fica a olhar o vulto e, em seguida, também ele mergulha na noite.

BAIXA O PANO